

(In)Delicadezas na linguagem brasileira – um relato de pesquisa

David Dantas Policarpo da Mota¹
Emerson Adriano de Oliveira Junior²
Maria Eduarda de França Pereira³
Valter Trindade dos Santos Neto⁴
Orientador: Prof. Dr. José Claudio Diniz Couto⁵

Resumo: Este artigo versa sobre a análise das três obras denominadas Dicionários de Expressões Brasileiras, de Jean Lauand, que resulta em exemplos do conhecido fato de que a linguagem brasileira pode ser gentil e delicada. A pesquisa apresenta também alguns casos no sentido oposto: expressões indelicadas brasileiras – um aspecto inesperado e surpreendente da língua brasileira.

Palavras Chave: expressões brasileiras; língua; gentileza na linguagem; indelicadeza na linguagem.

Abstract: This article analyses the three works called Dicionários de Expressões Brasileiras (Dictionaries of Brazilian Expressions) by Jean Lauand, which results in examples of the well-known fact that Brazilian language can be gentle and delicate. This research also presents some cases in the opposite sense: some impolite Brazilian expressions – an unexpected and surprising aspect of the Brazilian language.

Keywords: Brazilian expressions; language; idioms; Brazilian gentleness and indelicacy in language

1. Introdução: percorrendo três dicionários de expressões brasileiras.

Este relato de pesquisa surgiu de uma ideia de nosso orientador, que nos apresentou três importantes livros recentemente lançados: os Dicionários de Expressões de Jean Lauand. As obras, fontes do presente estudo, podem ser assim relacionadas:

LAUAND, Jean. **Pequeno dicionário de expressões brasileiras**. São Paulo: Enguaguassu, 2023. 352p – Em nossas citações e referências: DIC-I.

LAUAND, Jean. **Pequeno dicionário filosófico e sociológico de expressões brasileiras**. São Paulo: Enguaguaçu, 2023. 348p. – Em nossas citações e referências: DIC-II.

¹ Aluno do 9º C - Ensino Fundamental da E.M. 1º de Maio, Guarujá/SP.

² Aluno do 9º C - Ensino Fundamental E.M. 1º de Maio, Guarujá/SP.

³ Aluna do 9º A - Ensino Fundamental da E.M. Napoleão R. Laureano, Guarujá/SP.

⁴ Aluno do 9º B - Ensino Fundamental da E.M. Napoleão R. Laureano, Guarujá/SP.

⁵ Doutor em Educação pela UMESP, professor da PM, de Guarujá/SP.

LAUAND, Jean. **Linguagem e expressões brasileiras - Pequeno dicionário sociológico, filosófico e teológico**. São Paulo: Cemoroc, 2024. 168p – Em nossas citações e referências: DIC-III.

Nas 867 páginas desses livros, Lauand apresenta e comenta cerca de 500 verbetes (432 entradas, algumas com mais de uma expressão – 252 no DIC-I, 119 no DIC-II e 61 no DIC-III), em geral com a datação da sua origem com base na imprensa nacional. Esse trabalho valeu ao autor a nomeação de Colaborador do Dicionário Houaiss e a inclusão de DIC-I e DIC-II nas fontes desse prestigioso Dicionário.

Começamos por coligar e investigar, entre os verbetes desses Dicionários, exemplos que possam indicar como a linguagem brasileira tende a ser gentil e delicada com o interlocutor.

2. O brasileiro e a delicadeza na linguagem

Lauand nos lembra que Sérgio Buarque de Holanda, criador da famosa caracterização do brasileiro como “homem cordial” (que aponta mais para a abordagem pessoal no relacionamento do que para a “cordialidade” em si) (DIC-II, v. Serviço I), é o mesmo que sugeriu estudar a linguagem para a compreensão do brasileiro, defendendo a ideia de que “Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas” (cf. DIC-I, v. Cafezinho).

A delicadeza de nossa linguagem aparece em alguns termos, expressões idiomáticas e tendências observadas nas práticas linguísticas.

A seguir, algumas formas que selecionamos.

Hanseníase

O Brasil é o único país do mundo em que o nome da terrível lepra se oculta por trás da “neutra” “hanseníase”, como uma forma de preservar os portadores (e seus familiares) do milenar estigma que acompanha essa doença.

Este seria um caso emblemático do requinte de gentileza de nossa língua. A disfunção – que tantas vezes acompanha os expedientes da delicadeza – é que por ser uma “simples” hanseníase e “não” a pavorosa “lepra”, os doentes, mais livres do peso negativo que acompanha o diagnóstico, têm mais relutância em procurar tratamento (DIC-II, v. hanseníase).

Podemos encarar a transição do termo “lepra” para “hanseníase” no Brasil como um testemunho da sensibilidade cultural do país. Lauand argumenta que essa mudança na língua reflete um esforço para reduzir o estigma associado à doença, demonstrando um cuidado especial com a dignidade humana. Essa iniciativa, única no mundo, evidencia a preocupação em evitar termos carregados de estigmas, como “lazarento”, que está associado à lepra.

Contudo, Lauand aponta que a dermatologista Maria Leide de Oliveira⁶ alerta para as possíveis desvantagens dessa suavização. Embora a mudança de nome tenha

⁶ *Câmara Notícias*, 2012. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SA>

sido motivada por uma intenção nobre, Oliveira destaca que não houve uma divulgação adequada sobre a natureza da doença. Em função disso, a hanseníase, agora percebida como uma condição mais branda e tratável, corre o risco de ser banalizada, negligenciando-se os perigos reais que ela ainda representa. Portanto, é crucial encontrar um equilíbrio entre sensibilidade e conscientização, destacando a importância de se atentar para a gravidade da doença, mesmo diante das melhorias nos tratamentos disponíveis (DIC-II, v. Hanseníase).

Estar com

Outra finíssima mostra do refinamento da delicadeza do brasileiro aparece na expressão “estar com”. Em vez do duro “ter”, que reafirma a posse, nosso “estar com” atenua a rigidez do possuir e promove a inclusão: a posse é de todos nós, não há um “possuidor”, simplesmente se “está com” (DIC-II, v. Estar com). Esta é uma faceta interessante da linguagem, que reflete a sensibilidade cultural do país. Seria uma alternativa mais suave para o verbo “ter”, que deriva do latim *tenere* (que originalmente reafirma a delimitação e apego à posse: *tenere* é re-ter, segurar, apegar-se – não por acaso “garfo” em espanhol é *tenedor*). “Estar com” é uma forma muito mais leve e mais comunitária de expressar relações de posse, possivelmente influenciada pela natureza menos rígida da demarcação de posse na vida comunitária africana (como ocorre no quimbundo, a língua africana que mais influenciou o português do Brasil), e pela sabedoria embutida em línguas como o tupi e o árabe (DIC-II, v. Estar com).

Ao substituir o verbo “ter” pela locução “estar com”, o português brasileiro promove uma compreensão mais fluida e compartilhada da posse, destacando a temporariedade e o aspecto comunitário das relações humanas. Essa adaptação linguística não apenas enriquece o idioma, como também fomenta uma visão mais harmoniosa e solidária das interações sociais, alinhada com a proverbial suavidade do brasileiro em sua comunicação (DIC-II, v. Estar com). O verbete oferece alguns exemplos, aos quais às vezes não se dá a devida atenção:

... (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?” O espanhol diria “*tiene tiempo, fiebre...*”. (DIC-II, v. Estar com)

Diminutivos

A linguagem pode refletir a essência de um povo acolhedor e cortês. Sérgio Buarque de Holanda, no clássico “Raízes do Brasil”, discutindo a respeito da importância da linguagem para compreender a identidade brasileira, enfatiza o uso frequente dos diminutivos na língua portuguesa. Seu argumento é que o sufixo “inho” não é meramente uma construção gramatical; essa terminação possui um papel duplo quando adicionada à palavra. Não serve apenas para diminuir a palavra, mas também

para familiarizar o interlocutor com o objeto ou pessoa mencionada e conferir ternura a eles, carregando a frase de afeto, de proximidade e de um “calor humano”, que vai além da mera comunicação factual (DIC-II, v. Cafezinho/Diminutivos).

O texto destaca que o uso exagerado dos diminutivos é notável no Brasil e que que essa prática não é comum em outros países. Um exemplo disso é o caso do jogador Ronaldo, que deixou de ser chamado de “Ronaldinho” ao se mudar para a Espanha, onde os diminutivos são vistos de forma diferente, podendo ser percebidos como excessivos ou irritantes fora do Brasil.

Uma curiosidade é a de que no português brasileiro, o diminutivo pode ser usado para intensificar um certo estado ou condição. Por exemplo, quando algo acaba de sair do fogo e dizemos que está “quentinho”, ou quando uma pessoa é muito parecida com a outra, ela é “igualzinha”. Essa prática é influenciada pelas línguas africanas, mostrando a fusão cultural e linguística no Brasil (DIC-II - Cafezinho/Diminutivos).

O Brasil aprendeu de Portugal – e o superou nesse quesito – a arte de adocicar tudo com diminutivos, que colocam uma carga de afeto nas mais diversas instâncias do cotidiano. Lauand dá um exemplo desse nosso uso abusivo:

(...) Uma experiência nesse sentido é assistir a um vídeo de receitas da apresentadora de TV Cátia Fonseca, muito simpática e espontânea. Transcrevo a seguir trecho de um dos vídeos, *Manjar de coco dos deuses com calda de ameixa*, de 12 de maio de 2020:

“Eu gosto de colocar um pouquinho de coco seco ralado, umas duas colherzinhas, três colherzinhas (vai mexendo a massa). Se você quiser, você pode dar uma olhadinha. Ah, tá do jeitinho que eu gosto. (...) Passar para a forma. Só dei uma umidecidinha com água e aí a gente vai virando a panelinha (...).

Se quiser fazer em potinhos, fica bem gostosinho também. (...) Coco ralado na frigideirinha (...) vai ficar bem douradinho. Não deixa parado, porque ele passa do ponto rapidinho (...)

Deixa ele ficar moreninho: uns ficam moreninhos, outros ficam branquinhos (...). A gente aqui em casa gosta mais da calda assim cremosinha, mais líquida, porque a gente põe uma tacinha com a caldinha, aí você vai comendo e pondo mais caldinha, mas se quiser mais grossinha, fique à vontade”. (DIC-I – no já citado verbete Cafezinho)

Exageros nos votos

Podemos reconhecer no brasileiro aspectos de melindres, quando percebemos que em alguns casos potencializa palavras de forma a tocar a todos aqueles aos quais se dirige. No verbete abaixo, o sentido exagerado dos votos de boas-vindas ou despedida faz com que as expressões “normais” percam seu efeito:

A tendência brasileira ao exagero manifesta-se também no campo das saudações. Assim, nosso telejornalismo é campeão mundial no quesito cumprimentar o telespectador (moda tupiniquim iniciada – segundo ela mesma – pela jornalista Elisabete Pacheco). Enquanto praticamente as

TVs do mundo todo vão ao assunto diretamente, aqui, antes de iniciar sua matéria, é necessário que o repórter cumprimente toda a bancada e os telespectadores: “Boa noite, William, boa noite, Renata, boa noite a todos os que nos assistem...”.

O próprio “bom-dia”, “boa-noite” vão se tornando votos menores e quase mesquinhos e é preciso potenciá-los: “Uma ótima noite e um excelente fim de semana...”. Se não há exagero ao expressar votos ou apreço, corremos o risco de ferir a susceptibilidade do brasileiro, campeão mundial de melindres e emotividade. Enquanto isso, os frios ingleses estudam seriamente a abolição até do ponto de exclamação da gramática da língua!! (Dic-III – v. Ótima noite)

O brasileiro esquiva-se de dizer “não” (para evitar magoar)

Uma das maiores dificuldades para o estrangeiro no Brasil, por mais que seja fluente em nossa língua, é decodificar as negativas camufladas do brasileiro, que – para não magoar – não sabe dizer “não”. No verbete “Com certeza” (DIC-II), o autor mostra a dificuldade de o brasileiro dizer “não” e que nem sempre é “sincero” nos seus convites, ou mesmo nas suas respostas, como por exemplo, um interlocutor que gostaria de responder que não iria a determinada localidade, mas sente receio de magoar a pessoa que o convidou.

Este verbete é para estrangeiros. Uma manifestação da nossa proverbial “cordialidade” é, para efeitos verbais, a suavidade brasileira (que infelizmente vai se perdendo ao sabor de radicalismos políticos maniqueístas e da disseminação do tom de ódio nas redes sociais). Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que, assim, sem enfática insistência, não se trata de um convite verdadeiro, mas de mera e inócua cortesia verbal. Já um interlocutor estrangeiro pode puxar a agenda e perguntar: “E quando pode ser?”.

No Brasil, nunca se diz não. Se um brasileiro recebe um convite absurdo ou descabido – digamos: “Faço questão que você vá na cerimônia de formatura da minha sobrinha neta na educação infantil” –, ele nunca responderá com o devido “não” (que já está mais do que decidido), mas dirá: “Com certeza!”, “Ôooopa!” ou qualquer outra forma absolutamente afirmativa, mas que significam realmente um claro “não”.

Na Espanha, onde as coisas são diretas, a avó coruja ouviria um sonoro *¡No!* ou *¡Qué no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizado pelos usos e costumes daquele país): *¡Que no, j&%*r!* ou *¡Que no, c&#!*. (DIC-II, v. Com certeza).

Desde criancinha

Neste verbete, destaca-se como as manifestações jocosas ou sarcásticas são comuns no universo esportivo, em que se escolhe ironicamente “Craque do Jogo”, justamente aquele que afundou o time, ou na locução “desde criancinha”, em que se indica a preferência pelas equipes adversárias do time rival, evidenciando uma cultura de rivalidade no futebol brasileiro (DIC-II, v. Desde criancinha).

“Desde criancinha” era uma forma muito comum na imprensa esportiva de antigamente para designar inocentemente alguém famoso como fiel torcedor de determinado time: “Ary Barroso é Flamengo desde criancinha”, “Jô Soares é Fluminense desde criancinha”.

No nosso século, porém, a expressão foi ganhando, cada vez mais, um sentido irônico do torcedor [...],

É muito difícil datar o surgimento dessa fórmula zombeteira, mas ela aparece já no carioca *Jornal dos Sports*, em 1º de julho de 1993, quando Mário Neto, a propósito de um jogo decisivo entre Argentina e Colômbia, confessa: “Mas, aqui entre nós, sou Colômbia desde criancinha”. (DIC-II, v. Desde criancinha)

Assim, a própria hiper delicadeza do brasileiro é objeto de sátira dos falantes. Se, como já alertou Nelson Rodrigues, futebol é mais sobre ódio do que sobre amor: o gremista pode preferir ver o Inter perder a seu próprio time ganhar e vice-versa. No entanto, por “delicadeza”, para “evitar” a sensação de ser contra (embora todo mundo saiba que se é) o torcedor, diante de um jogo, do rival contra o time argentino, declarará que torce pelos portenhos, mas não por rivalidade, mas porque “minha avó era argentina e eu sou River Plate desde criancinha” (DIC-II, v. Desde criancinha).

A expressão “desde criancinha”, inicialmente usada para denotar lealdade inocente a um time desde a infância, adquiriu um sentido sarcástico, sendo usada por torcedores para ocultar sua preferência pelo time adversário do rival. Além disso, ele mostra como as rivalidades no futebol podem moldar as identidades e relacionamentos dos torcedores, levando-os a apoiar equipes estrangeiras apenas para ver o fracasso do rival local.

Bastem esses exemplos para demonstrar as delicadezas da língua, embora pudéssemos alongar muito esta lista com outras expressões e fórmulas, como nossos eufemismos (chamar de moça a velha; de fortinha, a gorda etc.); o “nada contra” (DIC-II) que, na verdade, significa desaprovação; várias formas ocultamente venenosas do “Neutro” (DIC-II); o (falsamente) hipotético “Vai que” (DIC-II) etc. Algumas dessas formas são associadas ao lúdico (p. ex. Dic-III, v. Ei, juiz), ao exagero, como o uso de “demais” (DIC-I, v. Demais) no lugar de “muito”, refletindo outras características de nosso povo.

3. Formas na contramão da delicadeza do brasileiro

Apesar da predominância da delicadeza, há umas poucas expressões conhecidas que se situam frontalmente no sentido oposto ao da gentileza, como o da – tristemente consolidada no patrimônio nacional – “Sabe com quem está falando” (DIC-I), vigente no falar nacional desde o século XIX.

Sabe com quem está falando?

Lauand menciona o uso da expressão “Sabe com quem está falando?” como uma demonstração de abuso de poder e desrespeito às normas básicas de convivência, “... essa pergunta simboliza e resume em si a tristemente arraigada arbitrariedade brasileira: a aversão de nossas ‘elites’ à cidadania mais básica” (DIC-I, v. Sabe com quem está falando?). O autor procura trazer à luz relatos históricos que ilustram essa prática:

A expressão “sabe com quem está falando?” é uma manifestação emblemática da persistente desigualdade social e do abuso de poder enraizado na sociedade brasileira. Há mais de um século, ela tem sido utilizada pelas elites para reforçar sua posição privilegiada e silenciar qualquer questionamento sobre seus privilégios. Ao exigir deferência baseada em títulos, cargos ou status social, essa frase perturba os princípios de igualdade de direitos e de convivência [...] a frase é usada como uma arma de arrogância e prepotência. Esses episódios destacam a resistência das elites brasileiras à cidadania plena e ao respeito mútuo, perpetuando assim a desigualdade social e a injustiça no país. (DIC-I, v. Sabe com quem está falando?)

Ainda nessa linha, em outro verbete, ilustrou-se no cotidiano o modo de “as madames” tratarem humildes funcionários em supermercados de bairros nobres, onde se descreve a ocorrência de mentalidade arcaica, comum em atos de desrespeito, ostentando uma suposta superioridade, que leva a destratar as classes menos privilegiadas e a recusa a seguir regras simples, como a do limite de compras no caixa. Para essa arrogante deformação, “os supermercados de bairros nobres de São Paulo são todo um laboratório da mentalidade de nossas ‘elites’.” (DIC-I, v. Ele está no serviço).

Há outros dois casos mais sutis de “grosseria” de nossas expressões, encontradas no DIC-II, que são imperceptíveis para nós, justamente porque estamos imersos neles desde a infância; são – por isso mesmo – incorrigíveis. Assim, pareceu-nos uma relevante contribuição trazê-los à luz.

“Eu e o Quico” (DIC-II) – um mau hábito do brasileiro

O mau hábito do brasileiro de enumerar em primeiro lugar quem está falando pode ser encarado como uma grosseria na linguagem, pois devemos ter a gentileza de citar em primeiro lugar a outra pessoa, que consideramos como mais importante. Os estrangeiros entendem essa forma como um deslize relevante da nossa forma de expressão.

Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o “eu” em primeiro lugar em uma enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu, Mengano e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é

tão arraigado que torna incompreensível para nós uma recorrente piada do seriado *Chaves*:

Chaves: Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde.

Prof. Girafales: Chaves, não é assim que se diz, mas “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde”.

Chaves: O senhor também está brincando de esconde-esconde com o Quico?

Em outro episódio⁷, é Dona Florinda quem se vale de um provérbio tradicional, que se usa precisamente para repreender esse mau hábito: *El burro por delante para que no se espante.*

Chaves: Estávamos no pátio eu e o Quico...



D. Florinda: Chaves, “o burro vai na frente...” (é suficiente citar só o começo do ditado).

Chaves: Não, o Quico estava atrás.

Prof. Girafales: Chaves, o que queremos dizer é que se nomeia primeiro a outra pessoa, como todo mundo sabe... Vai, continua!

Chaves: Estávamos no pátio eu e o Quico...

Prof. Girafales: Nãããoo! “Estávamos no pátio Quico e eu.”

Quico: Não, professor, estávamos o Chaves e eu.

Vê se aparece

Mais acima, vimos como o brasileiro gosta de exagerar nos votos. Contudo, o verbete “Vê se aparece” (DIC-II) mostra que em outras culturas há um incorrigível exagero nas despedidas, encontrado até mesmo em uma passagem bíblica. Por isso, acredita-se que o modo de exagerar nos votos não seja um privilégio do brasileiro. O fulcro do verbete, no entanto, gira em torno da autovalorização de quem convida, por parte do brasileiro e, contrariamente, no mundo oriental, a importância se dirige ao

⁷ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XqNTNzP0Qss. Acesso em: 21 abr. 2023.

interlocutor. A seguir, sempre no verbete “Vê se aparece”, vemos uma fórmula árabe que ajuda a diferenciar as visões do Oriente e Ocidente:

Assim o expressa a monja Cohen em uma entrevista: “Eu sinto que sair do eu autocentrado e se dedicar ao Eu maior é a própria felicidade – e isso tanto no Ocidente quanto no Oriente. Talvez, os métodos educacionais sejam diversos: o Ocidente sempre foi mais centrado no eu individual do que o Oriente, que costuma considerar a coletividade em primeiro lugar”. [...] Seja como for, algo desse centramento no eu revela-se em uma de nossas fórmulas de despedida mais usuais. A visita está indo embora e o dono da casa diz “vê se aparece”. Claro que o sentido é o de manifestar apreço e agrado com a presença do visitante, mas fica implícito (e inconsciente) que nós somos pessoas importantes, interessantes, bonitas, legais... e autorizamos você a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos. A diferença fica clara quando contrastamos com a forma árabe para situações semelhantes. O oriental se despede da visita dizendo *ismah lana nashufak!*, “permita que nós o vejamos!” (você é a pessoa importante).

4. Considerações finais

Por meio de diversos exemplos, vimos que o brasileiro exerce uma mescla de cortesia, benevolência e filantropia, inscritas em sua linguagem, características intrínsecas da cultura brasileira, sendo reconhecida internacionalmente a calorosa recepção e o acolhimento do brasileiro. Trata-se, em geral, de um povo rico em trato respeitoso e amável mas, por outro lado, encontramos também algumas disfunções que vão da expressa arrogância a formas mais sutis de antepor-se ao outro.

Ao apresentar os dois casos em nossa linguagem, ressaltamos a importância daquela que consideramos nossa principal contribuição para a educação: chamar a atenção para o predominante positivo, mas também revelar alguns exemplos – também na linguagem – que despercebidamente (ou não) operam na contramão desse refinamento do português brasileiro: afirmar uma preponderância do próprio eu em detrimento dos outros.

Evidenciou-se, assim, o – doce e suave e, por vezes, abusivo e enjoativo – intenso uso de diminutivos na linguagem brasileira, apontando para a influência intercultural africana e criando tal característica – tão incomum – em nossa cultura.

Vimos também como o brasileiro exagera no calor dos votos; não sabe dizer “não”; vale-se de eufemismos de modo a amenizar palavras que poderiam ser duras; é delicado ao utilizar a locução “estar com” ao invés do “ter”, deslocando o sentimento de posse pessoal para um sentido comunitário etc. A disfunção é a de que não costuma ser direto, para não magoar e, em alguns casos, afirma verbalmente o que, na realidade, nega – convites que lhe são dirigidos, por exemplo. E assim o interlocutor – especialmente o estrangeiro desprevenido, que não conhece o “código” – tomará aquele sim como sim, quando na verdade é um categórico não!

Certamente, esse recurso linguístico, usado como estratégia pelo brasileiro para se desvencilhar cortesmente de um convite incômodo, obviamente, pode acabar por magoar muito mais os desavisados, do que se houvesse um empenho em recusar

ao convite logo que o recebesse. Apontamos também outro exemplo referente a convites. Há um componente, também citado no verbete “Vê se aparece”, em que o interlocutor que convida antepõe sua importância à daquele que é convidado. Ele o faz, talvez, como mera fórmula para se despedir, ou aparentar cordialidade e apreço, no que possivelmente seja um convite vazio, sem um propósito verdadeiro. E aquele que é convidado nem sempre sabe se o convite é para valer.

Observou-se que os verbetes dos Dicionários de Expressões de Lauand possibilitaram a demonstração de que a linguagem praticada no cotidiano do brasileiro pode colocá-lo como excelente em formas de gentileza e, ao mesmo tempo, expor as pessoas a situações em que não desejariam estar.

O brasileiro apresenta grande espírito acolhedor e hospitaleiro, mas é capaz de manifestar exemplos de inadvertida indelicadeza verbal (sem falar nos casos de escancarada arrogância, observada especialmente entre as elites). Nessa perspectiva, a sociedade brasileira revela sua complexidade através de suas práticas sociais e linguísticas.

Recebido para publicação em 21-07-24; aceito em 22-08-24